

UM INTELLECTUAL CRISTÃO DIANTE DE SEU TEMPO: A TRAJETÓRIA DE ALCEU AMOROSO LIMA

A CHRISTIAN INTELLECTUAL IN FRONT HIS TIME: THE OF TRAJECTORY OF ALCEU AMOROSO LIMA

Manoel Vasconcellos¹

Resumo

O presente artigo intenta examinar a trajetória intelectual do pensador brasileiro Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde. Classificando seu trabalho, a partir de quatro períodos, disponibilidade, conservador, retomada e progressista, perceberemos como o contexto histórico e as influências intelectuais estão interligados e fundamentam as alterações em sua obra.

Palavras-chave: Trajetória. Mudança. Realidade.

Abstract

This paper aims to examine the intellectual trajectory of the Brazilian thinker Alceu Amoroso Lima, or Tristão de Athayde. By dividing his work into four periods - availability, conservative, resumption and progressive - we can realize how the historical context and intellectual influences are interrelated and underlie the changes in his way of thinking.

Keywords: Trajectory. Change. Reality.

Introdução

Devemos amar a vida.
Temos o dever de amá-la.
Ela tem o direito de ser amada.

Estas foram palavras de Alceu Amoroso Lima, em seu leito de dor, pouco antes de sua morte, tal como relata sua filha Maria Tereza em carta a Leonardo Boff². As derradeiras palavras são, por assim dizer, o coroamento da trajetória de um homem que buscou, como poucos, compreender o sentido da vida, em todas as suas dimensões. Neste estudo procuraremos mostrar a trajetória intelectual deste que foi, ousaríamos dizer, um dos mais interessantes “pensadores sociais” do Brasil. O que mais nos chama a atenção em sua obra é

¹ Professor Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas UFPEL, Pelotas, Rio Grande do Sul. E-mail: vasconcellos.manoel@gmail.com

² Cf. Leonardo BOFF. A Presença de Alceu Amoroso Lima. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Vol. 43, Fasc. 171: 437-442. 1983, p. 447.

que Alceu foi um homem de convicções profundas; no entanto, uma tal profundidade não impediu que revisse seus pontos de vista, mudando de caminho, quando necessário.

Para que possamos entender a trajetória intelectual de Alceu Amoroso Lima, faz-se necessário lembrar, ainda que brevemente, alguns pontos marcantes de sua vida. Não cabe aqui um estudo biográfico do autor, tanto por se tratar de figura por demais conhecida no horizonte intelectual brasileiro, como também por não ser este o objetivo do presente estudo. Por isso, vamos tão somente apurar os fatos mais marcantes de sua vida, a título de recordação.

Alceu Amoroso Lima nasceu no Rio de Janeiro a 11 de dezembro de 1893, no seio de uma família bem situada economicamente e viveu uma infância tranquila em sua inesquecível “casa Azul”³. Em 1913, Alceu forma-se em Direito e no mesmo ano, vai a Paris, onde frequenta um curso ministrado por Bergson. Em 1917, passa a trabalhar no Itamarati. Em 1918, casa-se com Maria Tereza, sua companheira por mais de sessenta anos. O amor por Maria Tereza fê-lo redescobrir o sentido da vida, num momento em que o jovem Alceu vivia uma profunda crise. Conhecer Maria Tereza, em 1917, foi para ele o reencontrar a vida. A morte da esposa, em 1981, de uma certa forma, significou o início de sua própria morte, embora a dor da separação não tenha sido mais forte do que suas convicções de fé.

O ano de 1919, marca o começo da longa carreira jornalística de Alceu. Já em 1916 publicara um artigo sobre Afonso Arinos no *Jornal do Comércio*, mas, a partir de 1919, começa sistematicamente a fazer crítica literária, utilizando o pseudônimo de Tristão de Athayde; nessa época trabalhava na fábrica de tecidos de seu pai e desejava separar a atividade profissional que exercia, da crítica literária em que se iniciava, daí a escolha de um pseudônimo.

A partir de 1924, inicia uma longa correspondência com o líder católico Jackson de Figueiredo. Dessa correspondência, resulta sua reconversão ao catolicismo, ocorrida em 1928. A morte trágica de Jackson, no mesmo ano, muito influencia o pensamento do neoconverso Alceu, que se torna uma espécie de herdeiro da posição de Jackson como líder católico brasileiro. Com efeito, Alceu passou a ser diretor da revista católica *A Ordem*, tornou-se

³ Alceu recorda sua infância na bonita crônica “Intermezzo da Casa Azul”, onde relata, entre outras coisas, a forte impressão que ao menino Alceu causava a marcante presença do vizinho Machado de Assis.

presidente do *Centro D.Vital* e foi secretário-geral da *Liga Eleitoral Católica*. Sua ação de líder católico não se restringiu ao Brasil, uma vez que foi um dos fundadores do movimento democrata-cristão da América Latina, foi também membro da *Comissão Pontifícia Justiça e Paz*.

Além dessas funções, lecionou na Universidade do Brasil, na Faculdade Católica de Filosofia e na Faculdade Nacional de Filosofia. Aposentou-se em 1963, deixando claro em sua despedida⁴ que, de certa forma, sempre seria um professor. As circunstâncias que o país passou a viver e a postura de Alceu diante delas, mostrou como era verdadeira sua assertiva.

Alceu Amoroso Lima faleceu em Petrópolis, a 14 de agosto de 1983, aos 89 anos de idade, depois de ter marcado indelevelmente sua presença na história da cultura brasileira. Foi, inegavelmente, um homem pronto a dialogar com os mais diversos setores da sociedade, sempre aberto a todos, coerente, nunca intransigente, a tal ponto que foi capaz de mudar radicalmente seu pensamento. Eis, a nosso ver, o sentido de sua coerência: não foi fiel a grupos ou correntes; foi fiel a si mesmo, à sua consciência e, por isso, teve a coragem de mudar; de rever suas posições e pensar diferente. Tal humildade, parece-nos, deve ser a virtude, por excelência de quem se dedica à filosofia, pois é o caminho seguro para evitar todo possível resquício de dogmatismo, atitude mesquinha dos que se arvoram em donos da verdade, como se a verdade pudesse ser tão pequena, a ponto de ser capturada e encerrada. Alceu acreditava na existência da verdade total, devendo ser constantemente buscada e desvelada pelo homem. Sua posição de constante abertura, sem contudo perder de vista seus princípios, sem desviar para qualquer tipo de ecletismo, fazem dele uma das figuras mais extraordinárias do humanismo brasileiro. Nelson Werneck Sodré (1978, p. 267) sustenta que

(...) o importante – já que todos temos erros a considerar – está na capacidade de cada um de acompanhar a História, isto é, em reexaminar suas posições e aceitar as mudanças que a realidade impõe. Não é fácil, particularmente para aqueles que marcaram posição e que aparecem para o público com determinada imagem, que se supõe imutável. Mas é justamente a referida capacidade que define a grandeza humana, de um lado, e a sensibilidade histórica e política, de outro. Alceu Amoroso

⁴ Ao encerrar, oficialmente, sua carreira no magistério, Alceu Amoroso Lima, dirigindo-se aos antigos alunos, declarou: “O processo do saber é feito de grandes renúncias e de um amor que transcende a todas as recompensas humanas. Assim é, meus queridos e jovens colegas, a carreira do magistério que em geral escolhestes e que foi a minha, durante esse quarto de século que este ano termina, ao menos oficialmente. Pois espero que só termine, realmente, quando soar a hora de prestar contas da vida! É, de certo modo, a mais bela das carreiras, pois tereis entre vossas mãos a mais difícil das tarefas humanas e com seu destino na terra e até mesmo na eternidade”. Alceu Amoroso LIMA, *Pelo Humanismo Ameaçado*, p. 100.

Lima deu esse extraordinário e singular exemplo: reviu suas posições ... Ter partido daquela intransigência antiga para chegar à plenitude da compreensão democrática de hoje, na longa caminhada de uma existência rica em experiência e em devoção, define a sua biografia e marca a sua presença constante e destacada.

Se analisarmos os autores que tratam da trajetória intelectual de Amoroso Lima, vamos encontrar várias tentativas de classificar as diversas fases de seu pensamento. O próprio Alceu costumava dizer que passou por três fases: a *primazia do estético*, a *primazia do pensamento filosófico-religioso* e a *integração político-social*. Abstraindo das possíveis diversas classificações da obra de Amoroso Lima, vamos dividi-la em quatro grandes períodos, mesmo sabendo dos riscos que uma divisão dessa forma supõe, pois sempre é possível ser impreciso, ao se classificar a obra de um pensador, notadamente tão dinâmico na sua produção como Alceu Amoroso Lima. Constatamos, contudo, quatro grandes períodos em sua trajetória intelectual: o período da *disponibilidade*, o período *conservador*, o período da *retomada* e o período *progressista*. Tal divisão se acha bastante próxima da análise procedida por Régis de Moraes (1985) em sua *História e Pensamento na Educação Brasileira* a nosso ver, a obra que melhor retrata a trajetória intelectual de Alceu Amoroso Lima. Vejamos o que caracteriza cada um desses grandes períodos pelos quais passou o intelectual brasileiro.

1. Período da disponibilidade

A fase da *disponibilidade* é aquela que em que Alceu se dedica basicamente à crítica literária, embora já estivesse aí presente sua característica de escrever sobre os mais diversos temas, contudo, desde o aparecimento de seu primeiro artigo sobre Afonso Arinos, publicado em 1916 no Jornal do Comércio, até sua conversão, ocorrida em 1928, a atividade intelectual do pensador carioca está fundamentalmente ligada a essa modalidade. Alceu começa efetivamente a fazer crítica literária a partir de 1919, quando surge o pseudônimo Tristão de Athayde.

É importante observar que a preocupação literária de Alceu não termina com o seu retorno ao catolicismo; ela sempre se fez presente ao longo de toda a sua vida. Pode-se dizer que as duas grandes bases de seu pensamento foram precisamente a *preocupação social* e *preocupação literária*. Alceu foi reconhecidamente alguém ligado à análise literária, somente

que, após 1928, a preocupação literária foi sendo dividida com outras preocupações. Designamos este período como sendo da *disponibilidade*, pois, após sua conversão, ele declara, em carta a Sérgio Buarque de Holanda que está dando “adeus à disponibilidade”⁵. As obras mais significativas deste período inicial da trajetória intelectual de Alceu Amoroso Lima são *Afonso Arinos* (1922) e os diversos *Estudos* (1927 a 1933).

2. Período Conservador

Designamos como sendo o período *conservador* aquela época que tem início com a conversão de Alceu Amoroso Lima ao catolicismo. Na verdade, é um retorno ao catolicismo, mas é uma volta tão marcante e cheia de consequências em sua vida pessoal e na vida da Igreja que parece-nos mais apropriado designar como uma efetiva conversão. Tal postura é fruto de vários anos de correspondência com Jackson de Figueiredo. Tal correspondência, iniciada em 1924, começa tratando das relações entre liberdade e autoridade, além de temas sociais e políticos, para depois, gradativamente, passar a abordar temas religiosos. Fruto desse contato com Jackson, a conversão de Alceu dá-se oficialmente a 15 de agosto de 1928, quando recebe a comunhão das mãos do padre Leonel Franca. Como bem observa Hélio Pellegrino (1978, p. 230), a conversão foi uma opção radical:

Tristão de Athayde, convertido, disse adeus à disponibilidade, fez da fé católica eixo firme de seu projeto existencial e, para realizá-lo, não se poupou um minuto. Madrugador impenitente, jogou-se todo na obra, ensinou, combateu, escreveu: sem qualquer senso de economia, entregou-se por inteiro à construção de sua vida – testemunho de sua fé.

Pouco mais de dois meses após a conversão de Alceu, ocorre a morte trágica de Jackson de Figueiredo, no transcurso de uma pescaria. Este fato marcou profundamente o neoconverso. Jackson e Alceu eram pessoas personalidades bem diferentes, o que não impediu de tornarem-se grandes amigos. O abalo pela inesperada morte do amigo, aliado ao forte envolvimento emocional que, normalmente, caracteriza um recém convertido, fez com

⁵ “Optando pela verdade, eu bem sei que arranco de mim mesmo as últimas veleidade de influir sobre ‘nossa geração e o nosso momento’, que só amam a ilusão. Sei que me coloco, ao menos na estrutura fundamental de minhas convicções, em oposição ao espírito do tempo, à inclinação invencível do momento e mesmo a tudo aquilo que, no fundo de nossas almas, se inclina a aceitar tudo, com o carinho e a saudade dos estados de espírito longamente cultivados”. Alceu Amoroso LIMA, *Testemunho* (sd), p.166.

que Alceu tomasse para si a responsabilidade de continuar a obra de Jackson de Figueiredo, então o maior líder leigo do catolicismo brasileiro. Jackson fora, por excelência, um pensador bastante conservador. Alceu Amoroso Lima, herdando as atividades de Jackson, tais como a presidência do *Centro D. Vital*, a direção da revista *A Ordem*, herdou também o pensamento de Jackson de Figueiredo, rompendo, por assim dizer, com seu próprio modo de ser, para fazer jus à memória do amigo prematuramente desaparecido. Este é, conforme nos parece, o motivo pelo qual a conversão significou, de certa forma, uma tristeza para Alceu, marcada não pela volta ao catolicismo, mas pelo fato de obrigá-lo a dizer *adeus a sua disponibilidade*, rompendo com convicções profundamente arraigadas dentro de si. Régis de Moraes (1985, p. 53) coloca, com extrema precisão, o que se passava com o Alceu recém-convertido:

Com sua conversão, Alceu Amoroso Lima passa a integrar a elite do Cardeal Leme e o que dele se espera é fervor, combatividade e aliança no sentido expansionista da Igreja. Morto Jackson e posto Alceu em seu lugar de liderança, ver-se-á, como o próprio Tristão muitas vezes reiterou, um cativo da sombra de um morto cumprindo expectativas, que nem sempre estavam afinadas com sua índole pessoal.

A conversão de Alceu Amoroso Lima aos princípios do cristianismo fez dele alguém que deveria estar em sintonia com as expectativas do contexto histórico do catolicismo brasileiro no final da década de 20, onde vemos uma Igreja que ainda ressentia do rompimento com o Estado, motivado pela proclamação da república, não tendo assimilado, suficientemente, tudo o que implicava esta nova situação, nestas primeiras décadas do século XX⁶.

As principais obras dessa fase conservadora do pensamento de Alceu Amoroso Lima foram, entre outras, as seguintes: *O Problema da Burguesia* (1932); *Política* (1932); *Pela Reforma Social* (1933); *No Limiar da Idade Nova* (1935); *Indicações Políticas: da Revolução à Constituição* (1936). Neste período, encontramos escritos de Alceu Amoroso Lima que vão de encontro ao seu pensamento posterior, sobretudo, sua postura nos últimos anos de vida. Régis de Moraes (1978, p. 58), ao analisar a obra política do autor, mostra como ele chegou a demonstrar simpatias para com o fascismo. Está presente nestas obras o Alceu recém-convertido que deseja ardentemente ver a ressonância das posições da Igreja brasileira da

⁶ Sobre a situação da Igreja do Brasil, no início do século passado, é interessante que se leia a obra de Carlos Roberto Jamil CURY, *Ideologia e Educação Brasileira – Católicos e Liberais*. Tal obra, prefaciada por Alceu Amoroso Lima, constitui-se num excelente estudo sobre a história da cultura brasileira.

época, presentes na sociedade nacional. Outra característica marcante das obras do período conservador é a atitude absolutamente contrária, por parte do autor, em relação às ideias de inspiração socialista, não só referentes ao comunismo soviético, mas também no que tange ao marxismo original. Em *O Problema da Burguesia* (1932, p.101) diz: “E foi o espetáculo da cisão violenta entre as duas classes, em França, que levou Marx a basear toda sua falsa filosofia econômica da história, na luta das classes e no predomínio definitivo do proletariado, pela vitória violenta e pelo aniquilamento da burguesia”.

É claro que a revolução soviética e suas consequências estavam muito presentes na crítica de Alceu Amoroso Lima, fazendo com que vislumbrasse, em outras perspectivas políticas, tais como o fascismo, uma alternativa ao modelo soviético. Como o próprio Alceu Amoroso Lima admitiria, cinquenta anos depois de sua conversão⁷, ele defendera um autoritarismo político elitista. Régis de Moraes (1985, p.59) teve a oportunidade de conversar com Alceu sobre aquele período:

Conversando pessoalmente com Dr. Alceu aos seus luminosos 89 anos e meses, comentei com ele as beiras de precipício por onde andou. Ao que ele me respondeu, com uma humildade quase cândida (a candura da sabedoria): ‘É. Eu andei mal, sem dúvida. Mas Deus foi bom pra mim, porque talvez pensasse: é um erradão, mas é sincero’.

3. Período da retomada

Com o passar do tempo, contudo, Alceu passou a repensar algumas de suas posições, inclinando-se para uma nova postura político-filosófica. Que razões explicam uma tal mudança de perspectiva? Parece-nos que a nova posição de Alceu, mais aberta, mais democrática, deve-se basicamente a duas circunstâncias, uma de caráter político-religioso, outra, de caráter filosófico: de um lado, o seu maior envolvimento com a realidade brasileira, propiciado pelo seu desempenho político, através especialmente da *Liga Eleitoral Católica* e, de outro lado, a influência de Jacques Maritain.

Com efeito, influenciado pelo então arcebispo do Rio de Janeiro, o Cardeal Leme, Alceu realiza estudos sobre os problemas políticos e sociais do Brasil; em 1931 surgia uma importante encíclica social, a *Quadragesimo Anno* de Pio XI. Tudo isto inspira o surgimento da

⁷ Cf. o artigo do historiador Hélio SILVA “Presença de Alceu em Nossa História Contemporânea”. In: *Encontros com a civilização Brasileira*, n. 6, 1978, pp. 251-252.

Liga Eleitoral Católica, tendo em vista o iminente processo eleitoral, que indicaria a composição da assembleia encarregada de elaborar a nova constituição, que veio a ser promulgada em 1934. Cumprida com êxito tal tarefa, surge, no ano de 1934, a *Ação Católica*, que pretendia colocar os princípios do cristianismo como base para uma sociedade mais justa. Alceu participou ativamente do movimento da *Ação Católica*. Todos estes envolvimento em importantes movimentos da Igreja foram fundamentais para que se construísse a nova postura do pensador fluminense.

Além dessas circunstâncias e não dissociado delas está a fundamentação teórica da ação empreendida pelo autor. Tal fundamentação foi construída a partir da influência do pensador neotomista francês Jacques Maritain. Por intermédio da obra de Maritain, sobretudo de seu *Humanismo Integral*, o pensador brasileiro passa a compreender Tomás de Aquino de uma outra maneira, relendo o pensador do século XIII à luz da obra do filósofo francês.

A partir de 1945, seus escritos tomam uma forma que, se ainda não contêm o mesmo ímpeto da fase progressista, estão, contudo, extremamente diferentes dos textos da anterior fase autoritária e conservadora. A nova perspectiva filosófico-política já transparece na introdução que escreve para a edição brasileira da obra *Cristianismo e Democracia* de Jacques de Maritain, onde transparece a grande admiração do pensador brasileiro pelo regime democrático. Remontando a Bergson e Maritain, expressa sua concordância com a concepção segundo a qual a democracia é, essencialmente, evangélica. Em Maritain, Alceu Amoroso Lima quer encontrar as bases metafísicas para o que chama de restauração da dignidade democrática, de modo que o regime democrático possa ser a garantia dos direitos humanos contra qualquer opressão de ordem econômica, política ou social.

É neste contexto de alteração na trajetória intelectual do pensador que se acha aquela que nos parece ser uma das mais representativas obras do pensamento social de Alceu Amoroso Lima, *O Problema do Trabalho*, obra em que a influência de Tomás de Aquino e Jacques Maritain estão fortemente presentes. Neste ensaio, escrito “de um só jato”, no período compreendido entre dois e dezesseis de fevereiro de 1946, o autor aborda exaustivamente a questão do trabalho. Alceu Amoroso Lima esclarece que seu livro não pretende ser um poema sobre o trabalho, nem tampouco um estudo científico sobre o fenômeno. O que pretende é fazer uma meditação conscienciosa sobre aquele que ele considera ser “o maior problema do nosso tempo”.

O Problema do Trabalho está dividido em seis capítulos, precedidos por um Prefácio e seguidos de uma conclusão e um apêndice. No prefácio, Alceu Amoroso Lima fala dos motivos pelos quais se dedica ao problema do trabalho. No primeiro capítulo, intitulado “O Problema e as Falsas Soluções”, o autor deseja mostrar que o problema do trabalho é realmente complexo e que sobre ele pairam soluções errôneas. No capítulo segundo, “Natureza, Conceito e Definição do Trabalho”, parte do que não é trabalho, para chegar ao que ele realmente é. Alceu aborda, no terceiro, “O trabalho e o Homem” os aspectos antropológicos do trabalho, chamando a atenção para o que seria o ideal de uma autêntica civilização trabalhista (1956, p. 75):

Um operário tem menos possibilidade de atuação que um intelectual. E este menos que um apóstolo. O ideal social é *que todo operário seja, simultaneamente, um intelectual e um apóstolo*. Como pode ser. É o ideal de uma civilização honestamente trabalhista (...) sem romantismo nem utopia.

No capítulo quarto, intitulado “O Trabalho e a Sociedade” trata da possibilidade de uma regeneração, através das diversas civilizações que a história viu nascer e morrer. No capítulo quinto, “Capitalismo e Socialismo”, Alceu analisa os dois sistemas, bem como a relação de ambos com a Igreja. Apresenta o cristianismo social, como sendo um caminho para se chegar a uma democracia trabalhista. No sexto capítulo, “A Solução do Problema” fala da posição cristã em face do problema do trabalho, sugerido soluções práticas. Na conclusão, chama a atenção para o papel dos católicos na construção de uma autêntica civilização trabalhista. No apêndice desta obra escrita de modo especial para os católicos, Alceu apresenta três textos: o primeiro, intitulado “Novos Tempos” é um discurso pronunciado no Teatro Municipal de São Paulo, numa concentração da *Liga Eleitoral Católica*, em setembro de 1945. O segundo texto, “Em defesa da L.E.C.” consiste num pronunciamento feito no Teatro Municipal de São Paulo em janeiro de 1947; o terceiro e último texto, “Igreja e Democracia” é uma conferência promovida pelo *Instituto Interaliado de Alta Cultura*, no Palácio Itamarati, em dezembro de 1946. Em todos os textos transparece a contribuição que, segundo Amoroso Lima, a Igreja deve dar à nova e emergente civilização do trabalho, que só pode efetuar-se num regime democrático.

Neste ensaio, Alceu já esboça uma nova postura diante dos problemas sociais. Isto é fruto da influência de Maritain, dos pronunciamentos de Pio XII e também do próprio contexto histórico do Brasil e do mundo na década de 1940. Com efeito, no plano

internacional, víamos a II Guerra Mundial que estabelecia a vitória da democracia e o surgimento de uma nova era, a *atômica* que, na opinião do autor estaria unida a do *trabalho*. Era do trabalho e era atômica seriam as características do mundo surgido das cinzas de 1945. Além do contexto internacional, havia os problemas sociais do Brasil. Além disso, o país vivera a época de Vargas, onde a questão do trabalho mereceu especial atenção. O presente artigo não tem caráter histórico, mas olhando o que se passou em torno do trabalho na década de 40, percebemos como o tema estava merecendo especial atenção. Sem dúvida, tais fatos incentivaram Alceu Amoroso Lima a dedicar-se ao problema do trabalho.

No Brasil, por esta época, o mundo do trabalho começa a ser reconhecido no plano político de uma forma que até então não fora. Com efeito, em 1940 há a regularização da lei do salário mínimo; no mesmo ano é criado o imposto sindical. No ano seguinte, é instituída a Justiça do Trabalho. Em 1942 surge o Senai. Em 1943, Getúlio Vargas promulga a Consolidação das Leis Trabalhistas que, sem dúvida, foi um avanço no tratamento de uma importante questão social como o trabalho.

Alceu Amoroso Lima sempre conviveu com operários, pois dirigiu a indústria de seu pai; o mundo do trabalho não lhe era desconhecido, nem lhe era alheio, por isso sua obra não pode ser considerada como sendo somente o fruto de um momento em que a questão trabalhista estava em alta, ela é o resultado de toda uma experiência de vida do próprio autor. É por sentir-se ligado ao tema que ele pretende dar sua contribuição, ou como diz, “colocar a sua pedra” na construção do edifício de uma sociedade onde se dará a dignificação do trabalho, “através do amor dos homens e do amor de Deus”, não cabendo, segundo o autor, motivos para desesperanças. A obra não pode ser entendida desconectada da posição religiosa do autor, que não pretende, neste livro, ser um mensageiro oficial da Igreja, mas sim, colocar a posição cristã, católica, em face do problema. *O Problema do Trabalho* é, em grande parte, consequência dos documentos pontifícios sobre a questão social. A situação histórica concreta mostrava ao autor a pertinência de o trabalho ser colocado como um tema fundamental. Por isso, sua mais importante obra sobre o tema quer ser “um grito de desabafo”. Alceu Amoroso Lima percebia o contraste entre a miséria e o luxo na sociedade do Rio de Janeiro; notava que a sociedade mudara, não era mais a sociedade colonial de sua infância, onde quase havia identificação entre a estabilidade do mundo físico e do mundo social. Verificava, contudo, que a sociedade brasileira e mundial dos anos 40 era caracterizada pela instabilidade absoluta,

evidenciada pela era atômica (recém-inaugurada) e pela forte influência do capitalismo norte-americano e do comunismo soviético. Alceu nutre a convicção de que a humanidade viveria uma nova era, uma *Idade Nova*, cujo elemento mais importante seria o trabalho, pois este é o único meio possível para reconstruir a unidade numa civilização dividida.

À medida que o tempo passa, as posições de Alceu vão amadurecendo. Neste período que chamamos da *retomada*, podemos encontrar um novo Alceu, mais aberto, diferente daquele pensador preso à memória de Jackson de Figueiredo. É um homem que, por assim dizer, *retoma* sua disponibilidade, agora enriquecida pela sua experiência como líder católico, fazendo-o tomar contato muito mais direto com os problemas concretos da sociedade brasileira, de modo não apenas teórico, mas prático.

Além de *O Problema do Trabalho* (1946), outras obras características desse novo período são, entre outras: *Meditação sobre o Mundo Moderno* (1942), *Mitos de nosso Tempo* (1946), *A Vida Sobrenatural e o Mundo Moderno* (1956), *Meditação sobre o Mundo Interior* (1956). Sintetizando, de modo brilhante este novo período de sua vida, Alceu declara a Medeiros Lima em suas *Memórias Improvisadas* (1973, pp. 234 - 5):

A partir de 1940, mais ou menos, iniciei um processo de revisão de meu comportamento e das minhas ideias em face dos problemas sociais e do destino da criatura humana em sua passagem pela Terra. Percebi, então, que o fato de acreditar na liberdade acima da autoridade, de acreditar na democracia acima das oligarquias ou das autocracias, de acreditar na liberdade de pensamento, acima do dirigismo intelectual, não implicava em nenhum conflito com as minhas convicções católicas, com a minha religiosidade, nem com os meus sentimentos cristãos. Não existia entre uma coisa e outra a menor incompatibilidade. Vi-me, assim restituído a mim mesmo, o que me levou à defesa da liberdade, da justiça, e à defesa, inclusive, da evolução da sociedade num sentido socializante ... Estou convencido de que a humanidade caminha para uma síntese do capitalismo com o socialismo, através de uma ultrapassagem do capitalismo e do socialismo.

4. Período progressista

A fase do pensamento de Alceu Amoroso Lima chamada de *progressista*, é aquela que corresponde mais ou menos aos últimos vinte anos de sua vida. A anterior, evidentemente, não foi uma fase “não progressista”, muito pelo contrário; contudo, a postura e a coragem do pensador, a partir de 1963 e especialmente 1964, fazem com que as duas últimas décadas de

sua vida possam ser caracterizadas como uma nova etapa, extremamente importante, na sua trajetória intelectual.

Alceu Amoroso Lima aposenta-se em 1963, deixando a longa vida de professor, mas os fatos levaram-no a assumir um outro magistério: a lição que ele deu a toda sociedade brasileira, na luta incessante que manteve em favor da liberdade e da dignidade ameaçadas. O golpe militar de 1º de abril de 1964, que alteraria a vida do país, provoca a reação do renomado intelectual católico, que acusa o regime militar pelas arbitrariedades que comete. O pensador não teme manifestar suas divergências com os novos rumos, por isso, escreve contra os Atos Institucionais, contra as torturas, as perseguições ideológicas, tornando-se, com sua pena férrea, o defensor incansável daqueles que eram presos, perseguidos, torturados pelas forças de repressão, tais como operários, estudantes, intelectuais, artistas, etc.

A posição de Alceu não deixa dúvidas sobre sua total discordância com o novo regime. Um admirador da democracia jamais poderia aceitar a ditadura, ainda mais uma ditadura claramente marcada pela violência, pelas perseguições. Pode-se perguntar: Por que Alceu Amoroso Lima não foi perseguido? Por que também ele não foi até mesmo preso? Bem, nesta época, o pensador brasileiro já alcançara grande reconhecimento internacional, pois era membro da *Comissão Pontifícia Justiça e Paz*. Havia sido um dos fundadores da *Democracia Cristã* na América Latina, tendo participado de encontros em Montevideu e Buenos Aires; já ministrara cursos em universidades francesas e norte-americanas; vivera nos Estados Unidos, onde fora Diretor do Departamento Cultural da União Pan-Americana; foi também representante da O.E.A. na IX Conferência Geral da Unesco, em Paris. Recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade católica de Washington, recebeu, no exterior, inúmeros prêmios que se tornam muito mais frequentes depois de sua corajosa posição em face do regime ditatorial brasileiro. Além disso, algumas de suas obras já estavam traduzidas para o espanhol e francês. Por tudo isso, ficaria muito mal para o governo brasileiro qualquer ação contra Alceu Amoroso Lima, pois certamente haveria repercussão internacional. No entanto, o regime militar não aceitou passivamente a conduta do corajoso autor dos artigos que tanto repercutiam e que se constituíam numa das únicas vozes que podia falar, denunciando os erros da ditadura. Em 1969, o mandato de Alceu para o *Conselho Federal de Educação* não é renovado, justamente pela posição que assumira. Além disso, há um outro fato, bastante interessante, que Régis de Moraes (1985, p. 131) revela:

O presidente Castelo Branco entrou em contato telefônico com o Dr. Alceu, pedindo maior compreensão com as boas intenções revolucionárias. O pensador não teve atitude de má vontade e disse que aguardaria os frutos de tais intenções. Mas, quando se iniciaram as perseguições a Anísio Teixeira, Josué de Castro, Celso Furtado, Ubaldo Puppi, Luís Alberto Gomes de Souza e outros, bem como - tal Mussolini perante a Ação Católica Italiana – o governo ameaça a Ação Católica Brasileira, Amoroso Lima não vacila e publica (em maio de 1964) forte artigo intitulado ‘Terrorismo Cultural’.

Ao longo do período de ditadura, Alceu continua a denunciar, principalmente as consequências ideológicas da revolução, tais como a despolitização do país. Podemos citar como obras principais desse período progressista: *Revolução, Reação ou Reforma?* (1964), *Pelo Humanismo Ameaçado* (1965), *A Experiência Reacionária* (1968), *Em busca da Liberdade* (1974), e *Revolução Suicida* (1977). Através de seus livros e de seus artigos, Alceu Amoroso Lima representou um papel fundamental na sociedade brasileira em sua luta pela reconquista da democracia. Sobre sua atuação nesse período, o Cardeal Evaristo Arns (1978, p. 240) declarou:“(...) acredito que lhe devemos sobretudo a esperança que ele acordou não só em gerações novas da juventude, que viam nele a expressão mesma da inconformidade, mas também da invencibilidade do pensamento, diante de leis de exceção”.

Conclusão

Que sentido tem refletir sobre Alceu Amoroso Lima, passados mais de trinta anos de sua morte? Mais do que rememorar a trajetória pessoal, intelectual e social de um importante pensador brasileiro, a reflexão sobre sua obra nos leva a pensar sobre dois pontos que não deveriam ser descuidados por todo aquele que se aventura em pensar profundamente a realidade. O primeiro é um certo equilíbrio entre a teoria e a prática; se é certo que o intelectual não pode voltar as costas para seu contexto, também é verdade que não pode se deixar subjugar pelo real a ponto de não conseguir dialogar com novos referenciais teóricos; o segundo aspecto é ter a coragem de mudar, de admitir equívocos, rever ideias e tomar novas direções, a partir de convicções profundas. Nesse sentido, Alceu Amoroso Lima é um exemplo: um pensador que, na década de 30 simpatizava com o Integralismo e que, no início dos anos 80, passa a estudar com grande interesse a Teologia da Libertação.

Alceu Amoroso Lima não foi, propriamente, um filósofo. Valeu-se da Filosofia, contudo, para construir sua obra. Os principais autores que influenciaram sua obra foram Tomás de Aquino, Bergson e Maritain. Ele não fez e nem pretendeu fazer Filosofia, em seu sentido mais específico, mas utilizou-se dela como referencial para pensar a realidade em que estava inserido, por isso, entendemos que podemos melhor designar Alceu Amoroso Lima, chamando-o, como o faz Leonardo Boff (1978, p. 312), de um *pensador*:

Ao pensador se soma o católico... É um espírito de Totalidade, refratário a todas as visões estanques e pequenas; mas esta Totalidade jamais é abstrata, pois compreendeu que somente chegamos a ela pela mediação do particular, da luta pela justiça, pela liberdade, pelos oprimidos, torturados e vítimas da prepotência dos opressores.

Referências

Obras de Alceu Amoroso Lima:

- LIMA, A. A.. **O Problema do Trabalho**. Rio de Janeiro, Agir, 1947.
- _____. **O Problema do Trabalho**. 2ed. Rio de Janeiro, Agir, 1956.
- _____. **Revolução, Reação ou Reforma?** 3ed., Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1964.
- _____. **A Experiência Reacionária**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1964.
- _____. **Estudos Literários**. Rio de Janeiro, Companhia Aguilar Editora, 1966.
- _____. **Indicações Políticas**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1936.
- _____. **Introdução à Economia Moderna**. 2ed., Rio de Janeiro, Agir, 1956.
- _____. **Meditação sobre o Mundo Interior**. Rio de Janeiro, Agir, 1954.
- _____. **Meditação sobre o Mundo Moderno**. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1942.
- _____. **Memórias Improvisadas**. Rio de Janeiro, Petrópolis, Vozes, 1973.
- _____. **O Problema da Burguesia**. Rio de Janeiro, Schimidt, 1932.
- _____. **Pelo Humanismo Ameaçado**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1965.
- _____. **Política**. 2. ed. Rio de Janeiro, Editora da Livraria Católica, 1932.

_____. **Revolução Suicida**. Brasília, 1977.

_____. **Testemunho**. Rio de Janeiro, Lumen Chisti, s. d.

_____. **Tudo é Mistério**. 3. ed. Petrópolis, Vozes, 1989.

Obras Consultadas

ARNS, Paulo Evaristo. Tristão e os Direitos Humanos. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, n. 6, 1978, pp. 221-228.

BOFF, Leonardo. A Presença de Alceu Amoroso Lima. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 43, f. 171, 1983, pp. 437-442.

BOFF, Leonardo. Alceu Amoroso Lima: a significação de um pensador. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, n. 6, 1978, pp. 305-320.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ideologia e Educação Brasileira – Católicos e Liberais**. São Paulo, Cortez & Moraes, 1978.

MARITAIN, Jacques. **Cristianismo e Democracia**. 4. ed., Rio de Janeiro, Agir, 1957.

MARITAIN, Jacques. **Humanismo Integral**. 5.ed., São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1965.

MORAIS, Régis de. **História e Pensamento na Educação Brasileira**. Campinas, Papirus, 1985.

PELLEGRINO, Hélio. Tristão de Athayde: a mocidade construída. **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, n. 6, 1978, pp. 229-232

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. 10. ed. São Paulo, DIFEL, 1982.

SILVA, Hélio. Presença de Alceu em Nossa História Contemporânea. In: **Encontros com a civilização Brasileira**, n. 6, 1978, pp. 251-262.

VILLAÇA, Antônio Carlos. **Alceu Amoroso Lima**. Rio de Janeiro, Agir, 1985.

Recebido em 20 de Julho de 2014
Aceito em 30 de Julho de 2014